

JORNALISMO INFANTO-JUVENIL COMO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM TECNOLÓGICA

AUTOR:

Antonio Carlos Alberto Bueno - professortoninho@uol.com.br

ORIENTADORA:

Prof^ª Dra. Artele Assumpção Monteiro – PUC/SP e F.P.A.

INSTITUIÇÃO:

Monografia produzida enquanto especializando da Faculdade Paulista de Artes – F.P.A. – São Paulo – S.P. em 2001.

Hoje o autor é Arte-Educomunicador Especialista e aluno regular do programa de Mestrado Em Comunicação pela UNIP – São Paulo – S.P.

PALAVRAS CHAVES:

Jornalismo; Juvenil; Ensino-Aprendizagem

A grande preocupação da educação para com o desenvolvimento do adolescente do ensino médio é capacitá-lo para o trabalho até para atrair melhor condição de vida e dignidade pessoal.

Quando e como preparar o jovem para o trabalho?, a família está preparada para dar suporte a seus filhos em face das informações e recursos midiáticos disponíveis hoje?

As escolas públicas de São Paulo e de muitos estados, receberam pc's, micro-computadores com capacidade instalada razoável para trabalho escolar, porém insuficientes para todos os alunos.

Também os colégios particulares possuem laboratórios de informática em ótimo estado, porém sem o uso racionalizado, sem uma ocupação devidamente compartilhada entre seus ocupantes.

E os educadores? Estes estão preparados e capacitados para a utilização das linguagens tecnológicas na sala de aula?

Há quatro anos os governos estadual e municipal de São Paulo implantavam salas/laboratórios de informática nas escolas, entretanto descobrimos que mais de 95% dos educadores não sabem utilizar nem os próprios computadores pessoais, quando os têm, muito menos criar projetos pedagógicos que agreguem conteúdos de sua disciplina.

Essa problemática toma contornos inevitáveis, invertendo a mão da construção do saber, fazendo de nossos alunos experts espontaneístas, expondo os docentes a situações de confronto e desconforto na sala de aula.

Os educadores participam de cursos de informática que os governos estadual e municipal oferecem, contudo intenção sem ação e ação sem conteúdo apropriado, faz toda e qualquer força e iniciativa desse tipo, não flagrar sucesso, é justamente o que tem acontecido com os docentes das redes públicas por todo o Brasil.

Publicitário há mais de 20 anos e há quatro anos como docente dos ensinos fundamental, médio, médio técnico e superior de várias instituições da grande São Paulo, pude neste período desenvolver uma metodologia de ensino tecnológico, em especial para os alunos do ensino médio, tendo como foco o Jornalismo Infanto-Juvenil como processo de ensino-aprendizagem tecnológica na sala de aula.

Percebi que os jovens do ensino médio desejavam muito aprender a mexer no computador, mas não sabiam por onde começar !

A partir do pressuposto Freinetiano, propús a construção do conhecimento nas aulas de artes, com a produção de um jornal/revista estudantil, com assuntos e imagens produzidas pelos próprios alunos, orientados por mim e auxiliados pelos professores de língua portuguesa, tudo isso na cidade de Santana de Parnaíba, pertencente a grande São Paulo, no bairro Colinas da Anhanguera, em especial na E.E. Padre Anacleto de Camargo.

Os alunos do vespertino e noturno tiveram aulas de diagramação, paginação, fotografia amadora, ilustração manual com técnicas de guache e canetinha em papel canson.

Desenvolveram pautas jornalísticas e em grupos saíram em aulas reportagens-passeio para entrevistar comerciantes, autoridades policiais, públicas, moradores, hospitais, creches e até alunos envolvidos na criminalidade, bandidos !.

O material em imagens e textos, foi organizado em colunas por assuntos que englobassem os conteúdos pautados dentro das diversas disciplinas curriculares de cada série do ensino médio.

Após os textos e imagens editadas por mim e por uma equipe de alunos-editores, fomos para o copidesque, onde apuramos e apropriamos os textos em um estilo de redação que fosse de fácil compreensão a comunidade escolar, sem prejuízo da garantia da publicação de reportagens especiais e factuais, aquelas que dão o grande furo da notícia. Montamos o primeiro boneco/layout. A escola foi municipalizada e com isso dissolveram o ensino médio para outras escolas da região e eu perdi minhas aulas de artes.

Na capital de São Paulo passei a trabalhar em uma escola da rede pública estadual que tinha um laboratório de informática, contudo subdimensionado para o ensino-aprendizagem tecnológico em Jornalismo Infanto-Juvenil.

Mesmo assim, iniciei o treinamento com o ensino médio da E.E. Manuel Bandeira, do bairro de Perús, no município de São Paulo, porém quando o curso tinha começado a esquentar, perdi minhas aulas na unidade escolar, pois eu era professor contratado e um outro efetivo da rede teve preferência às aulas.

No início de 2001, já trabalhando em três colégios particulares de grande porte na cidade de São Paulo, retomei meu projeto de Jornalismo Infanto-Juvenil sem

perder o que eu havia desenvolvido com os alunos das outras escolas por onde eu estivera, sobretudo a experiência de Ter construído um método que dependia tão somente de infraestrutura da instituição escolar, pois por parte dos alunos, a adesão tinha sempre sido total ao projeto.

Então este projeto foi desenvolvido e apoiado no colégio Brasília de São Paulo, onde os alunos do ensino médio técnico em publicidade, puderam dentro do programa do curso, implantar minha metodologia a revista escolar que eles já possuíam. Foi um sucesso.

Já em outro colégio, no Instituto Giusto Zonzini, na zona oeste da cidade de São Paulo, assumi além das aulas de arte-educação, o curso de qualificação profissional tecnológica que o colégio já possuía, implantando meu projeto como conteúdo deste curso, para os alunos do ensino médio.

O conteúdo do curso, além do ensino-aprendizagem tecnológico nos softwares Corel Draw, Page Maker e Photoshop, incluía a produção da revista escolar, nos mesmos enfoque pedagógico Freinetiano que iniciei na rede pública por onde passei.

Como hipermídia digital, a publicação passou a Ter além de toda estética visual, a interatividade com a hospedagem na internet com um hiperlink para a revista escolar, colocando este projeto de arte-educação como uma revolução de cidadania através da informação de um micro-cosmos local para o mundo!

Uma das coisas mais gratificantes para o arte-educador especialista é descobrir junto com os alunos, suas habilidades e competências nos mais diversos campos do conhecimento, integrando a interdisciplinaridade com a transdisciplinaridade, fato que muitas escolas ainda tentam introduzir em suas unidades, mas ainda com isolados sucessos.

Com isso este projeto pôde proporcionar aos alunos de todas as escolas por onde pude introduzir total ou parcialmente, o resgate da auto-estima, o preparo para o mercado profissional, descobrindo vocações, a adesão e o orgulho da família pelo talento que havia dentro de seus lares refletido neste aluno produtor do conhecimento, não apenas um receptor, um aluno-repórter fotográfico, um jornalista infanto-juvenil, valorizando com isso a produção intelectual do aluno, do grupo em que ele pertencia, enfim, o reconhecimento de toda a comunidade escolar !

Isto gerou nas escolas um modelo de educação para a comunidade, proporcionando o aprendizado teórico da sala de aula, uma ação na prática, sem comprometer os conteúdos curriculares, desenvolvendo no aluno do ensino médio o gosto pela leitura, fazendo-os multiplicadores da informação como forma de conhecimento em suas casas, mesmo quando nessas a alfabetização fosse apenas funcional entre seus familiares, trabalhando todas as questões da transversalidade na educação, tornando-o crítico, hábil em lidar com o público, descobrindo talentos nos grupos de alunos, onde estes deixavam de ser sempre o objeto de estudo no processo educacional, para serem sujeitos da ação de suas próprias histórias de vida, isto é a verdadeira cidadania instrumentalizada através de processos em que a criatividade metodológica do arte-educador e da comunidade escolar fizeram a diferença na formação do repórter-adolescente, deste novo jornalista infanto-juvenil.

O grande objetivo deste projeto, é oferecer ao arte-educador do ensino médio, uma possibilidade ímpar de fazer dos adolescentes de qualquer escola do país, seja esta particular ou pública, uma fonte dissimuladora de cultura educacional, voltada para a comunidade escolar, contemplando a interdisciplinaridade no enfoque das entrevistas, pesquisas e desenvolvimento de projetos sociais, possibilitando aos alunos e aos docentes,

uma integração de transdisciplinaridade comunicacional, visando tornar o jovem estudante em sujeito da ação comunicacional, não mais um mero coadjuvante do processo estatístico educativo, reféns de livros didáticos.

Com isso as atividades escolares deixam de ser privilégio da escola e passa a ser informação democratizada junto a comunidade escolar local, entusiasmando o jovem no processo de criação da informação e das imagens, como também divulgando a produção artística.

A falta de perspectiva profissional que assola as comunidades menos favorecidas brasileiras, pode Ter neste trabalho, a contraposição as afirmações pessimistas de que não se descobre na escola pública talentos em todas as áreas.

Este projeto tem em sua estrutura de execução, a experiência que o jovem passará a Ter mesmo sem Ter tido aquela primeira chance de emprego, que é fundamental para a ajuda em seus lares, mesmo ainda sendo um estudante, o que muda na raiz a problemática do primeiro emprego, viabilizando inclusive o convênio empresa-escola que hoje é em sua maioria focado nos jovens talentos universitários, deixando à margem da sociedade jovens que dificilmente alcançarão os bancos de um curso superior, sem que este processo de abertura não seja parte abrangente de uma camada da comunidade que está cursando o ensino médio brasileiro.

Buscamos neste projeto contemplar a recapacitação do docente de qualquer área de formação, para que estes estejam preparados para inserir e ensinar as novidades do avanço tecnológico, trazendo o avanço a comunidade local, o contato e o domínio da tecnologia da informação através da internet.

Na seara da arte-educação, este trabalho visa quebrar os velhos paradigmas

que sempre fizeram desta área do conhecimento, uma disciplina de passatempo, de brincadeira de cores, de incluir apenas no hall dos iluminados, somente os alunos que tinham o famoso Dom para as artes plásticas, uma disciplina pouco comprometida com os acontecimentos locais, assuntos tão discutidos entre os alunos e não documentados e democraticamente difundidos como informação a comunidade escolar.

Não queremos com isso, substituir e/ou tomar o lugar do jornalzinho escolar, do antigo informativo do grêmio escolar, e sim dar vida aos anseios sociais comunitários, que certamente abre múltiplas possibilidades de reverter o apartheid social regional, estratégia fundamental de como tratar o descaso do poder público e do resgate da cidadania através da produção do conhecimento utilizando do Arte-Educador como mola propulsora das relações intercontextuais e comunicacionais junto a toda a comunidade escolar.

Agora abordaremos tecnicamente como fizemos a transdisciplinaridade através da transversalidade entre a educação formal e a educação profissional como processo de ensino-aprendizagem tecnológica.

A interface começa pelas linguagens que a computação gráfica detém como suporte para o exercício do design gráfico.

Necessitamos para iniciar nosso projeto, de computadores pentiums, processadores da intel de última geração, se possível da geração 4, com 1,5 ghz de velocidade, com placa de vídeo de 4 mb, com hd de 30 gigabites, com sistema multimídia Som, CDRom, Scanner e impressoras compartilhadas a rede em um laboratório de no mínimo 25 computadores, para o exercício de 2 alunos por micro. Onde o ideal é um aluno por micro.

Os softwares necessários são, Core Draw 10 ou 11, software de criação, desenho, pintura e ilustração digital para plataforma PC, o Adobe Page Maker e o

Photoshop, ambos softwares de editoração eletrônica, paginação e diagramação de periódicos e peças publicitárias, de ilustração digital e tratamento de imagens, todos utilizados profissionalmente nos segmentos publicitários, de embalagem, mídia exterior, na imprensa, por web designer etc...

Quanto ao desenvolvimento das atividades propriamente ditas com os alunos do ensino médio, começa justamente com a teoria na prática, ou seja, o primeiro passo é selecionar as equipes que irão produzir as matérias/pautas para o jornal e/ou revista escolar

Com esta primeira etapa pronta, dentro das aulas de artes, com os alunos dos primeiros anos do ensino médio, fazemos as primeiras reuniões de pauta, para planejar como e que tipo de matérias as equipes irão trabalhar em reportagem-passeio de campo.

Cada equipe tem repórteres redatores e repórteres fotográficos.

Eles são orientados a produzir suas matérias de diversas formas, dentro dos conceitos de ética e estilo que serão demonstrados mais na frente.

Enquanto as equipes são treinadas para sair reportagens-passeio para cobertura das matérias, os alunos repórteres fotográficos recebem um curso básico de fotografia, para execução e produção com qualidade das imagens a serem produzidas quando no desenvolvimento das reportagens de campo.

Evidenciamos as qualidades dos alunos que detém maiores sensibilidades para um olhar diferenciado, para que no momento do click, estejam capacitados para não mais baterem fotos, mas fazerem as fotos, imortalizarem o momento.

Enquanto isso, os terceiros anos do ensino médio estão em oficina-ateliê de diagramação e ilustração digital, paginação, editoração eletrônica e produção gráfica, recebendo uma capacitação profissionalizante, fora do horário de aula curricular, isto é, um

curso extra-curricular oferecido pela escola aos terceiros anistas do ensino médio.

Este curso tem a duração entre 6 a 12 meses mais as horas-aula de artes caso tenha no currículo da escola a disciplina de artes para o ensino médio.

No curso de computação gráfica, os alunos desenvolvem um estilo de redação para o periódico escolar. É fundamental a importância que os textos tenham o mesmo perfil de linguagem do início ao fim, escrevendo, contextualizando as reportagens que vem dos repórteres a fim de não distorcerem a notícia, explicando-as, revelando os fatos, para dar credibilidade, consistência e começar a construir na relação educacional o respeito entre os adolescentes pelas matérias assinadas.

Paralelamente ao desenvolvimento e capacitação dos alunos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem tecnológica em jornalismo infanto-juvenil, as demais equipes formadas pelos alunos dos segundos anos saem em reportagem passeio para cobertura das pautas pré-agendadas e/ou factuais.

Após as aulas de capacitação em computação gráfica, os alunos do terceiro anos do ensino médio produzem sem auxílio do arte-educador, isto é, de forma autônoma.

Na oficina de diagramação, editoração eletrônica, fazem o tratamento das imagens, a paginação do periódico escolar e já preparam-se para a impressão do primeiro boneco/layout do jornal/revista escolar para correção e análise do conselho editorial da publicação.

Com o primeiro boneco/layout da publicação pronto, já impresso a cores, é reunido o conselho editorial da publicação, que é formado pela direção da escola, coordenação pedagógica, pelo arte-educador e editor da publicação e dos representantes sub-editores das seções do jornal/revista escolar, os alunos do terceiro ano do ensino médio.

Estes em reunião de análise e revisão, aprovam as fotos, textos, matérias, em

uma visão sócio-construcionista, devolvendo para a equipe de editores, que executarão as alterações e acertos com a finalidade do reprint final do layout/boneco do jornal/revista escolar.

Os alunos editores fazem a revisão final nos desenhos, fotos, vinhetas, na diagramação dos textos, revisão ortográfica e preparam a repaginação da publicação para a aprovação final.

Chegando a este estágio, preparam o arquivo digital para saída em gráfica rápida externa e/ou em impressão gráfica convencional, o que faz os alunos já prontos estagiarem profissionalmente neste segmento do mercado.

O próximo passo é seguir com o Professor de Artes, o editor da publicação em aula-passeio à gráfica que irá imprimir o jornal/revista escolar.

Todos conhecem os processos de impressão e pré-impressão que norteiam as relações entre fornecedores e clientes.

Chegamos ao estágio e passo final que é a distribuição da publicação para a comunidade escolar !

Hoje quase todas as escolas e colégios particulares e em algumas exceções algumas escolas públicas, tem seu jornal e/ou revista escolar publicadas no site da escola, o que viabiliza e democratiza o processo, evitando o gasto e o custo inacessível a muitas instituições quando estas querem usar a mídia impressa e não a virtual.

Já quando levamos toda essa produção a um site, necessitamos capacitar os alunos e os docentes nas linguagens que fazem a interface com as questões que envolvem a hipermídia digital.

Continuamos a necessitar de uma plataforma PC com a mesma capacidade já

citada anteriormente, contudo com novos softwares para este novo fim, ou seja, para que seja criado e hospedado o jornal na rede mundial de computadores, é necessário diagramá-lo, editá-lo e finalizá-lo nos softwares Dreamweaver ou Front Page, Flash e F.T.P., capacitação esta que oferecemos aos alunos dos terceiros anos do ensino médio e aos docentes da unidade escolar.

Este projeto-pesquisa analisa as abordagens da produção em Arte-Educação Tecnológica, levando alunos, professores, coordenadores e diretores a terem um novo olhar sobre a qualidade do saber como produção do conhecimento pertinente, ensinando e aprendendo as relações da condição humana e enfrentando as incertezas do saber na construção da notícia, levando à compreensão dos fenômenos do ensino-aprendizagem tecnológico em Jornalismo Infanto-Juvenil. O jornal e/ou a revista escolar é uma proposta de educação para a cidadania, um instrumento no trato das metalinguagens das palavras e das imagens, a partir dos pressupostos do criador da imprensa na escola, Celestin Freinet, educador francês que em meados de 1920, já produzia com seus alunos fantásticos periódicos que retratavam não somente a produção na sala de aula, mas sobretudo o que de fora desta acontecia como influência na construção do conhecimento e da evolução cognitiva da criança. 76 anos já se passaram e observamos que só precisávamos de novas tecnologias para considerar Freinet, o profeta da nova escola, um educador que sonhava na prática.

Bibliografia:

- BARROS, Miriam da Rocha – Jornal como Proposta para a Cidadania – Artigo Revista Comunicação e Educação/Edusp – 2000
- DOMÈNECH, Josep M. Català - Images y Complejidad – Artículo Edusp – 2000
- ERRÈZURZ, Luis Hernán - PCN'S – Elaboração e Transposição para a sala de Aula – Ed. Cortez – 1999
- FISCHMAN, Roseli - Pluralidade Cultural dos PCN'S – Artigo Jornada Científica – USP – 2000
- GIORGI, Oswaldo Camilo - Recursos Múltiplos da Informática para a Área Educacional – Ed. Horizonte – 2000
- HERNANDES, Fernando - A formação do Professor de Arte e a Arte na formação Do Professor – Ed. Cortez – 1999
A importância da Cultura Visual para repensar a Educação – Ed. Cortez - 1999
- MARTINS, Miriam Celeste - A formação do docente de Arte e a Arte na formação Do Docente – Ed. Segmento – 1999
Didática do Ensino da Arte – Ed. Melhoramentos – 2000
- MORIN, Edgar - Os sete Saberes necessários a Educação do Futuro Ed. Cortez – 2000
- MOURA, Mariluce de Souza - Informação em off – Dissertação de Mestrado URFJ 1987
- NOBLAT, Ricardo - Operação do Poder – Ed. Objetiva – 1982
- NUNES, César A.A. Informática e Educação – Ed. Vozes, 1995
- PERSICHETTI, Simonetta - Imagens da Fotografia Brasileira – Ed. Estação Liberdade – 1996
- SAMPAIO, Rosa Maria W. - Freinet, Evolução Histórica e Atualidades Ed. Scipione.